

O Garoto Selvagem em Três Tempos

Victor de Aveyron e uma história cultural da inteligência

Martin Cezar Feijó

Resumo:

Em três momentos da história da cultura – Iluminismo, modernidade e revolução científico-tecnológica - a construção do conceito de inteligência, a partir do caso do Garoto Selvagem de Aveyron, permite uma relação entre os conceitos de natureza e o de cultura.

Palavras-chave:

Ciências cognitivas, História cultural, Inteligência, Natureza e Cultura.

Abstract:

Three moments of cultural history Enlightenment, modernity and technological-scientific revolution - to make concept of intelligence from the Wild Boy of Aveyron to relationship between ideas of nature and the culture.

Keywords:

Cognitive science, Cultural history, Intelligence, Nature and Culture.



Jeder für sich und Gott gegen alle¹

Em *Sobre a pedagogia (Über Paedagogie, 1776/1777)*, o filósofo Immanuel Kant (1724-1804) propõe uma interessante pesquisa: “Para convencer-se de que os pássaros não cantam por instinto, mas aprendem a cantar, vale a pena fazer a prova: tire dos canários a metade dos ovos e os substitua por ovos de pardais; ou também misture aos canarinhos filhotes de pardais bem novinhos. Coloque-os num cômodo onde não possam ouvir os pardais de fora; eles aprenderão dos canários o canto e assim teremos pardais cantores. É estupendo o fato de que

toda espécie de pássaros conserva em todas as gerações um certo canto principal; assim, a tradição do canto é a mais fiel do mundo”².

Kant escreveu isto para um curso que foi ministrado 12 anos antes do início da Revolução Francesa, em pleno apogeu do Iluminismo. No mesmo texto, na seqüência, Kant define o papel da educação na humanização do ser humano, que para ele, assim como para os iluministas, se confunde com a civilização: “O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz”³. No mundo pré-moderno, éramos salvos pela religião; no mundo moderno, somos salvos pela educação. Mais da educação do que pela saúde. Esta é a base de nossa cultura. Kant era um homem de seu tempo e refletia as condições de sua época, que acreditava na força das idéias através de uma educação cosmopolita.

Por volta de 1789, ano estabelecido como do início da Revolução Francesa, uma criança foi abandonada no sul da França pouco depois de seu nascimento. O garoto deveria ter entre 11 e 12 anos no dia 08 de janeiro de 1800, quando foi encontrado na região de Aveyron, França: um menino que habitava a mata, sem laços sociais humanos de qualquer espécie. Em pouco tempo se tornou célebre em Paris, alvo da atração pública. Todos queriam conhecê-lo ao vivo, como se fosse um animal no zoológico, um verdadeiro garoto selvagem.



Seria a prova da existência do bom selvagem de Rousseau? Um ser humano que caminhava de quatro, que nada dizia, somente grunhidos, assustado com o assédio. Algumas pessoas protestaram e exigiram, em época que se discutia os direitos humanos em período revolucionário, que o menino fosse tratado com dignidade e que se providenciasse o mais rápido possível sua educa o e inclusão   vida social e cultural. Coube a um médico humanista, Jean-Marc Itard, a tarefa de educar o selvagem.

Em 1970, o cineasta francês François Truffaut realizou, a partir dos relatórios do médico Jean-Marc Itard, um filme intitulado **O Garoto Selvagem** (*L'Enfant Sauvage*), disponível em DVD. Trata-se de uma obra-prima do fecundo cineasta que começou como crítico na revista *Cahiers du Cinema*, foi participante destacado da *nouvelle-vague*, movimento do novo cinema francês dos anos 1960, e procurou com seu filme tratar mais uma vez da infância abandonada, como já havia feito em *Os Incompreendidos* (*Les Quatre Cents Coups*, França, 1959).

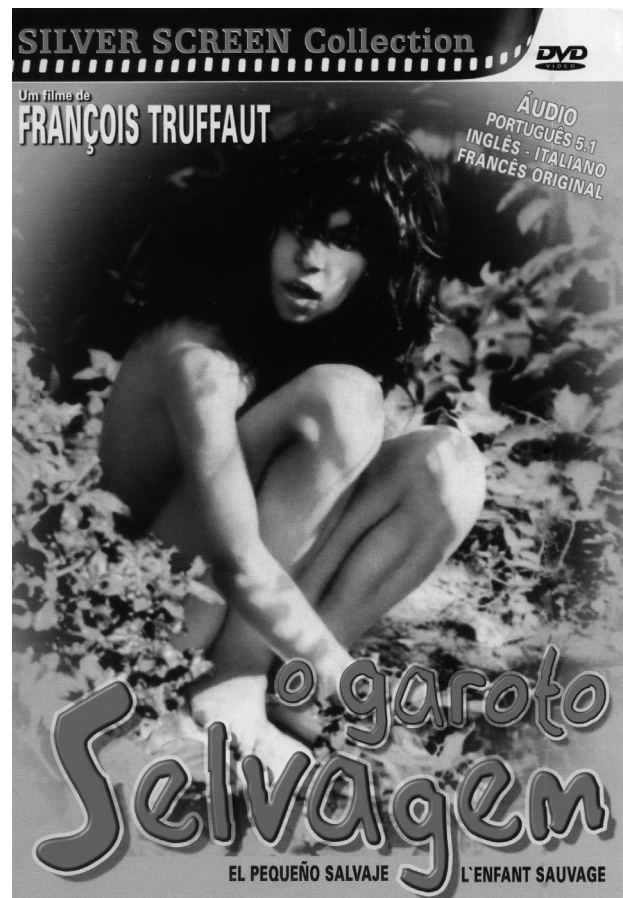
O objetivo deste texto, a partir da fascinante história do garoto selvagem de Aveyron, mais do que ter a pretensão de esgotar a questão, é propor um diálogo interdisciplinar entre as ciências humanas e biológicas, começando por explorar três momentos da história da cultura com rela o ao conceito de inteligência: revolu o intelectual no Iluminismo, revolu o cultural na Modernidade e revolu o científico-tecnológica e sua rela o com as ciências cognitivas e neurociência.

Tudo deve ser visto aqui, é bom que se esclareça, como parte de um projeto de pesquisa não são em andamento, mas principalmente em seu início: um projeto de pesquisa interdisciplinar sobre uma história cultural da inteligência.

1. Revolu o intelectual

O menino, em torno de 12 anos, encontrado em 1800 em Aveyron despertou enorme interesse na recém-fundada Sociedade dos Observadores do Homem, de Paris, para onde foi enviado para um diagnóstico do famoso psiquiatra Phillip Pinel, médico chefe do Hospital Salp tri re e membro da Sociedade dos Observadores, que o considerou não como selvagem, mas como idiota; o que provavelmente teria causado o abandono pelos pais no bosque⁴.

O abandono de recém-nascidos que fossem considerados deficientes era uma prática muito comum em uma época em que também



DVD lançado no Brasil

crianças indesejadas eram depositadas nas famosas “rodas dos expostos”; criadas pela Igreja Católica na Idade Média e que existiam em vários conventos. Na pior das hipóteses, as crianças eram simplesmente abandonadas para morrerem no meio do mato; provavelmente o ocorrido com o menino que sobreviveu e se tornou uma celebridade em seu tempo e uma lenda no decorrer do tempo, gerando possivelmente desde o menino Mogli, de Rudyard Kipling (*O Livro da Selva*, 1895), até, quem sabe, na inspiração da origem do Tarzan, de Edgar Rice Burroughs, 1912; chegando até nós pelas histórias em quadrinhos, pelo cinema ou pelos estúdios da Disney, mesmo que as histórias estejam situadas na Índia ou na África, o que garantia maior exotismo e verossimilhança num contexto que foi chamado por Edward Said de “orientalismo”.

Mas o garoto de Aveyron acabou sendo enviado para uma instituição de surdos e mudos, porque não se comunicava e parecia não entender o que se dizia a ele. Jean-Pierre Itard (médico humanista, inspirado principalmente em Condillac), foi indicado para cuidar do caso. O Doutor Itard, ao contrário de Pinel, entendeu que seria um caso que a educação resolveria, bastando para isto adotar um método pedagógico que iria despertar a inteligência no garoto. Por isto, otimista, resolveu “batizar” o menino com o nome “Victor”, porque tinha certeza da vitória do conhecimento sobre a natureza. O menino passou a ser conhecido a partir daí como Victor de Aveyron.



Contando com o auxílio de uma governanta, Senhora Guérin, paga pelo Estado, Itard pôs-se a educar o menino, começando por acostumá-lo às roupas, depois a convivência social, contato com a música para finalmente aprender a falar e expor suas idéias. E estabeleceu suas metas:

As metas pedagógicas de Itard

1. Interesse pela vida social.
2. Despertar a sensibilidade nervosa.
3. Ampliar esfera de idéias.
4. Levar ao uso da fala.
5. Exercitar operações da mente.

O filme de Truffaut, totalmente baseado nos detalhados relatórios de Itard, buscou um tom de documentário, em preto-e-branco, tendo o próprio François Truffaut representando o personagem do médico, por não ter gostado de nenhum ator testado para o papel⁶. Para Truffaut era fundamental uma compreensão interior forte para as motivações do médico que buscou “salvar” uma criança abandonada, uma de suas obsessões⁷; ele próprio tendo uma infância difícil.

Em suma, o filme pode ser considerado uma fonte de conhecimento inesgotável sobre o assunto. E, o mais importante, é rigorosamente fiel ao contexto, tanto sobre o período em que a ação se passa (época da Revolução Francesa e visão de mundo correspondente) quanto sobre o período em que é filmado: 1970, com o cinema atingindo seu apogeu enquanto linguagem e as idéias de Foucault, a partir de Marx, Freud e Nietzsche levadas à profundas conseqüências, além de ser também, o que não quer dizer que Truffaut tivesse acesso a este dado, o ano em que se inaugura a década em que irá se constituir as ciências cognitivas.

O filme de Truffaut pode ser considerado uma tentativa estética de ficar no meio do caminho entre Rousseau, e sua

teoria do bom selvagem, e os estudos e debates acerca da inteligência, que estiveram no centro das polêmicas pedagógicas, particularmente na França desde o início do século XX, tendo como pano de fundo um escândalo científico: o escândalo ocasionado pelas descobertas de Charles Darwin (1809-1882).

2. Revolução cultural

Se o Iluminismo, com seu projeto de modernidade fundamentado na importância da razão, liberando o ser humano dos limites esotéricos impostos pela tradição religiosa (cf. Jürgen Habermas), a grande revolução cultural ainda estava por vir, e esta foi percebida com grande pertinência por um poeta, que a nomeou. Foi outro Charles, o Baudelaire (1821-1867), que criou o nome de modernidade a um período marcado pela velocidade, pela predominância do efêmero, e, principalmente, por uma nova sensibilidade. A isto ele deu o nome de modernidade (*modernité*, no original).

Mas se Baudelaire percebeu, Marx interpretou, Freud analisou; foi Darwin quem detonou a bomba, com fundamentação científica, e que até hoje causa arrepios em setores religiosos e certezas arrogantes em setores céticos, gerando tanto descobertas fundamentais quanto justificativas assustadoras com relação à natureza humana. Como fruto de um contexto favorável ao desenvolvimento da ciência, as descobertas de Charles Darwin e sua teoria da evolução trouxeram, além do debate ideológico e religioso que gerou - e ainda gera⁸ -, discussões e adoção de critérios sobre as origens da inteligência, como fruto da evolução ou do ambiente. O que causou uma certa, e exagerada, crença com relação a uma possibilidade em se medir capacidade cognitiva a partir de testes aplicados em crianças, e criados por um psicólogo francês no início do século XX: Alfred Binet (1857-1911). Os testes de QI (quociente intelectual) se tornaram referência nos projetos educacionais, inicialmente na França, depois se espalhando pelo mundo ocidental.

Partindo da craniometria, Binet resolveu desenvolver métodos “psicológicos” em substituição ao que era proposto pelos que o antecederam, mesmo que inspirados em Darwin. Alfred Binet criou uma escala depois que foi indicado pelo Ministério de Educação da França em 1908 para realizar um estudo

detalhado sobre a capacidade cognitiva das crianças com a finalidade de detectar motivos dos fracassos escolares e contribuir na criação de turmas especiais visando superar dificuldades. Como reconheceu o importante paleontólogo Stephen Jay Gould, o “emprego de testes de QI teve conseqüências muito graves em nosso século (XX)”⁹.

E com todos os riscos e problemas que uma perspectiva técnica em aferir resultados quantitativos de inteligência, foi fazendo estágios com a equipe de Alfred Binet que o suíço Jean Piaget (1896-1980) deu início a sua importante pesquisa, unindo aspectos de sua área, a biologia, com as ciências humanas, a psicologia, no esclarecimento sobre o desenvolvimento da inteligência na criança¹⁰.

O problema é que a redução do estudo da inteligência a uma área do conhecimento, seja a que prioriza da herança ou a que estabelece como determinante o ambiente, fica ainda mais grave quando impregnada de sectarismos e se torna uma disputa política. Neste sentido, a principal delas, que gerou um debate que não se esgotou, é sobre a utilização política de pontos de vista científicos, principalmente na relação entre hereditariedade (genética) e ambiente, como fatores determinantes na inteligência.



O debate político

O teste mental, como também ficou conhecido o teste de QI, teve uma sobrevida até os anos 60 do século XX, quando passou a ser acusado de gerador de segregacionismo, seja racial ou social. Mas nem sempre os motivos foram científicos; na maioria das vezes, foram políticos. A questão chegou a ganhar uma perspectiva ideológica, o que sempre é ruim para a ciência, quando os que priorizam aspectos ambientais apresentam-se como progressistas e condenam os que defendem

posições favoráveis à genética como sendo posições típicas de setores direitistas, às vezes até fascistas, prejudicando um debate que pode, e deve, estar além de posições ideológicas, como chegou a destacar o psicólogo Hans Jurgen Eisenck (1916-1997):

Uma outra hipótese falsa é a de que as crenças políticas determinam a atitude de alguém, quanto à importância relativa de hereditariedade e do ambiente. Às vezes, imagina-se que facções direitistas favorecem fatores genéticos e facções mais esquerdistas fatores ambientais. Isso, evidentemente, é uma mentira. Eu aprendi quase tudo de genética com o Professor J.B.S. Haldane, que não era apenas um dos mais notáveis geneticistas do século, mas também um membro da cúpula do Partido Comunista da Grã-Bretanha e editor do seu jornal *The Daily Worker*. Como deixei claro no livro *The Inequality of Man*, ele estava convencido da importância dos fatores genéticos, enquanto relacionados às diferenças na inteligência e não considerava este fato incompatível com o comunismo. De outro lado do espectro político, o Professor J.B. Watson, fundador do behaviorismo, foi um arqui-conservador e, todavia, também o proponente de uma forma extrema de ambientalismo. Poderíamos dar muitos exemplos, para ilustrar a inexistência de consenso entre credo político e posição pessoal, quanto à importância dos fatores genéticos. Este equívoco talvez tenha surgido depois que Stalin proibiu o teste mental, em 1935, alegando que era 'burguês' – na mesma ocasião, Hitler proibiu-o por ser 'judeu'. Mas a posição anti-genética de Stalin e o seu apoio ao charlatão ambientalista Lysenko não derivaram de qualquer argumento marxista, ou leninista. De fato, tanto Marx, como Lenin acreditavam firmemente na doutrina da evolução de Darwin e reconheciam a importância de fatores genéticos. É só recordarmos o manifesto comunista: 'A cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades'. Ele expressa, claramente, a crença no fato de que pessoas diferentes possuem diferentes capacidades, mesmo no paraíso comunista, onde todas as desigualdades culturais, educacionais e outras, seriam erradicadas. Obras recentes, de psicólogos comunistas da Cortina de Ferro deixam claro seu apoio a esta opinião e, de fato, alguns dos trabalhos recentes, mais interessantes, sobre a hereditariedade das capacidades cognitivas, vêm da Rússia, Alemanha Oriental e Polônia¹¹."

Neste caso, a situação de Victor de Aveyron também não se resolveria, pois dificilmente seria possível aplicar qualquer tipo de teste nele, já que o próprio Doutor Itard, depois de 14 anos de tentativas em educar o menino, resolveu abandonar seu projeto, deixando-o, porém aos cuidados da governanta, totalmente esquecido por todos e entregue ao seu próprio mundo numa casa vizinha ao então jovem escritor também chamado Victor, de sobrenome Hugo - Victor Hugo (1802-1885) -, e que mais tarde iria escrever a obra que o tornou célebre: a história de um homem deformado que se torna herói de uma cidade, *O corcunda de Notre Dame*.

No garoto selvagem, tanto o da vida real como o do filme permaneceu uma dúvida se sua incapacidade cognitiva, sua inteligência, era determinada por fatores genéticos ou por fatores ambientais, da falta de comunicação em seus primeiros anos de vida, tendo sido estudado até pelo psicanalista Bruno Bettelheim, para quem o menino era tão somente autista, e por esta razão havia sido abandonado por seus pais¹². A questão não resolvida, no caso, era se o autismo era determinado pela condição inata, ou adquirida durante os anos de total abandono da convivência humana. Assim, nem Pinel, nem Itard; nem Rousseau, nem Darwin; a questão da inteligência continuava em aberto...

3. Revolução científico-tecnológica

No fim do século, na passagem do século XX ao século XXI, a década de 1990 foi definida pelo então Presidente dos EUA, George Bush, como a "década do cérebro". Este é o setor de ponta que vem desenvolvendo, com grandes apoios institucionais, principalmente as decisivas verbas, pesquisas importantes sobre o funcionamento do cérebro, que vinha se realizando lentamente desde as pioneiras pesquisas de Thomas Willis em Oxford¹³, que teve como aluno o jovem ainda aspirante a médico John Locke, mas que só obteve um desenvolvimento extraordinário no período entre-guerras do século XX, e se somou a outros desdobramentos após a II Guerra Mundial com o surgimento dos primeiros computadores.

Na década de 50 do século XX, com a participação de professores como Marvin Minsky, é criada no Dartmouth College em 1956 a cadeira de Inteligência Artificial. Bastaram alguns anos para que as pesquisas envolvessem, de forma interdisciplinar, outros departamentos, outras universidades, buscando unir cibernética, inteligência artificial, ciências físicas, ciências humanas e ciências da informação:

“Encontraram um nome para a designar: cognitive science em inglês, ciências cognitivas em português. O termo nascera. Estava-se a meio dos anos 70, e o cadinho interdisciplinar em que a forja do espírito soprara e parecia como que ressuscitado de outro cadinho que já fora animado trinta anos antes”¹⁴.

Com o surgimento das ciências cognitivas, de caráter interdisciplinar como visto, mais dúvidas surgiram do que respostas, sempre na relação entre cérebro e mente, entre capacidade orgânica e aprendizado. A questão da inteligência encontrava um novo contexto cultural e o surgimento de uma disputa acadêmica que parece vir a ser a marca da polêmica científica do século XXI. De uma fascinante polêmica que o desenvolvimento mais específico da neurociência¹⁵, com a participação de neurobiólogos principalmente, começa a dialogar com as questões filosóficas indicadas desde o Iluminismo, de Descartes a Locke, de Rousseau a Kant, de Marx a Freud, de Darwin a Piaget.

Centros de pesquisa sobre a inteligência foram criados, sendo o mais famoso o de Harvard, sob coordenação do professor Howard Gardner, que desenvolveu sua teoria das inteligências múltiplas, e realizou um profundo estudo sobre o impacto, que ele chama até de revolucionário, ocasionado pela “nova ciência da mente”. Gardner chega até se questionar se a neurociência não vai devorar nos próximos anos as ciências cognitivas¹⁶.

Conceitos como o de “inteligência emocional” ou “inteligência cultural” também ganham destaque. O certo é que, na perspectiva que marcará o século XXI, onde o capital intelectual será decisivo, e a educação fundamental, a questão da inteligência não só não perderá sua importância, como poderá vir a ser a questão central, unificando várias frentes de pesquisa, em que as separações entre conhecimento humanístico, biológico ou físico sejam coisas do passado¹⁷.

O canto do pardal

Na relação entre condições genéticas e papel do ambiente no desenvolvimento da inteligência, Howard Gardner comenta e analisa os estudos da neurociência com o canto dos pássaros, de uma certa forma demonstrando os resultados de pesquisas como a que havia sido proposta por Kant no final do século XVIII, e que abre este texto.

De um lado, a confirmação de que a origem do canto nos pássaros realmente, o que não é novo, difere de uma espécie para outra. Mas, em vários casos, o canto da espécie é fruto de uma herança inata do pássaro, pois há espécies que sem ter contato algum com outros da mesma espécie depois de um tempo, ou mesmo no caso de surdez desde o nascimento, entoará o canto tal qual os que viveram entre os iguais.

Fazendo aqui, para concluir, uma relação entre o canto do pardal e o garoto selvagem, Kant apontou uma relação entre desenvolvimento intelectual e educação de uma maneira muito clara, e querete mesmo tendo escrito alguns anos antes da descoberta do garoto selvagem, provavelmente sem sequer ter tido conhecimento sobre o fato posteriormente - às possibilidades cognitivas de Victor de Aveyron:

“Não há ninguém que, tendo sido abandonado durante a juventude, seja capaz de reconhecer na sua idade madura em que aspecto foi descuidado, se na disciplina ou na cultura (pois que assim pode ser chamada a instrução). Quem não tem cultura de nenhuma espécie é um bruto; quem não tem disciplina ou educação é um selvagem. A falta de disciplina é um mal pior que de cultura, ao passo de que não se pode abolir o estado selvagem e corrigir um defeito de disciplina”¹⁸.



Por outro lado, hoje se sabe que um pardal, dependendo da espécie, em que pese a importância de Kant na história

do pensamento humano, nunca poderá cantar, por mais que tenha os melhores “professores” entre os pássaros; pois em alguns casos depende da siringe – correspondente no pássaro às cordas vocais nos humanos – que permite o canto¹⁹. É claro que Kant não tinha obrigação de saber disso: o conhecimento científico em sua época era extremamente limitado comparado ao nosso, assim como nosso conhecimento será visto como ridículo nos próximos séculos. Risível não é Kant ou Rousseau, e sim a pretensão de que a verdade não dependa do contexto.

Mas também não é totalmente certo que o texto de Kant deva ser lido apenas como uma metáfora, uma bela metáfora, ao modo das fábulas de Esopo, como histórias de animais antropomorfizados. É preciso que a pesquisa esclareça a relação da capacidade cognitiva, seja de pássaros, chimpanzés ou humanos, com o funcionamento do cérebro, com o ambiente e a herança genética. Assim como é preciso muito cuidado, o que a ciência já faz, entre comparações de espécies muito distintas.

A história do garoto selvagem de Aveyron, por mais misteriosa que seja, é um bom pretexto para um diálogo interdisciplinar que está apenas em seu início. E qualquer reducionismo, seja de ordem moral conservadora, seja de fundo dogmático darwinista, não contribui muito para o avanço das pesquisas. Afinal, fica aqui, à guisa de conclusão, embora tudo isto deva ser visto como um ponto de partida, o alerta do grande estudioso do assunto, Howard Gardner:

“Parafrazeando-se Wittgenstein, pode-se conhecer todas as conexões cerebrais envolvidas na formação de conceitos, mas isto não ajudará em nada a entender o que é um conceito”²⁰.

Notas

¹*Cada um por si e Deus contra todos*, título original do filme de Werner Herzog, que no Brasil foi intitulado “O Enigma de Kaspar Hauser” (ALEMANHA, 1974).

²Immanuel Kant. *Sobre a pedagogia*. Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba, SP: Editora UNIMEP, 2006, pág. 15.

³Idem, ibidem, pág. 15.

⁴Para um conhecimento em detalhes do episódio, dois livros são fundamentais: Thierry Ginestre. *Victor de L’Aveyron, Dernier enfant sauvage, premier enfant fou*. Paris: Hachette, 1993; e Roger Shattuck. *The forbidden experiment. The story of the Wild Boy of Aveyron*. New York: Kodansha, 1994.

⁵Cf. Jean-Marc Itard. *Da educação de um homem selvagem ou dos primeiros desenvolvimentos e morais do Jovem Selvagem de Aveyron* (1801). In: Luci

Banki-Leite e Izabel Galvão (orgs.). *A educação de um selvagem*. A experiência pedagógica de Jean-Marc Itard. São Paulo: Cortez, 2000, pp. 123-178.

⁶Pode ter sido por este papel, como também pela filmografia de Truffaut, que ele tenha sido convidado pelo cineasta norte-americano Steven Spielberg para participar no filme “Contatos imediatos do terceiro grau”. Spielberg, como se sabe, também tem na infância um de seus mais importantes temas, assim como o da inteligência, o que realiza com maestria em “Inteligência Artificial” (“A.I.”, 2001), cujo projeto original era de Stanley Kubrick, e que poderia ser aqui comparado ao “Garoto Selvagem”, de Truffaut.

⁷As outras, como se sabe, foram o próprio cinema e as mulheres...

⁸Principalmente sobre o impacto na religião com relação à existência de Deus. Sobre isto, ver o best-seller polêmico do darwinista radical Richard Dawkins: *Deus, um delírio*. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁹*A falsa medida do homem*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2003, pág. 153.

¹⁰Um dos trabalhos mais importantes de Jean Piaget sobre a inteligência foi publicado em francês no ano de 1947: *La Psychologie de l’intelligence*.

¹¹EYSENCK, Hans Jurgen; KAMIN, Leon. *O grande debate sobre a inteligência*. Tradução de Maria Julieta de Alcântara Carreira Penteado. Brasília: Ed. Unb, 1982, p. 98.

¹²Sobre esta questão, há um livro extraordinário de Bruno Bettelheim, que dedicou muitos anos de sua vida no tratamento de crianças autistas, além de seus famosos estudos sobre os contos de fadas: *A fortaleza vazia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987; principalmente o capítulo intitulado “Crianças-lobo”.

¹³“Explicar para que serve o Cérebro é tarefa tão difícil quando retratar a Alma, sobre a qual se costuma dizer que tudo entende, salvo a si mesma” (Thomas Willis, *Anatomia do cérebro*, 1664). Sobre esta história, ver Carl Zimmer. *A fantástica história do cérebro*. O funcionamento do cérebro humano. Tradução de Regina Lyra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

¹⁴Jean-Gabriel Ganascia. *As ciências cognitivas*. Tradução de Alexandre Emílio. Lisboa: Instituto Piaget, 1999, pág. 35.

¹⁵No Brasil, há que se destacar o papel pioneiro de pesquisadores em neurociência, entre tantos, como Roberto Lent, Miguel Nicolelis e Suzanaerculano-Houzel, que se dedica ainda a uma importante divulgação científica através de palestras, cursos, livros e artigos em jornais, como a que realiza quinzenalmente nas páginas do suplemento *Equilíbrio* do jornal *Folha de S. Paulo*. Não é difícil supor, e torcer, que o 1º Nobel do Brasil possa vir desta área...

¹⁶Ver principalmente *A nova ciência da mente*. Uma história da revolução cognitiva. Tradução de Cláudia Malbergier. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995, pp. 300-303.

¹⁷Sobre isto, ver *Cultura Geral*. Tudo o que se deve saber, de Dietrich Schwanitz. Tradução de Beatriz Silke Rose et al. São Paulo: Martins Fontes, 2007, principalmente o capítulo “Inteligência, talento e criatividade”, pp. 435-444.

¹⁸Immanuel Kant. Op. Cit., pág. 16.

¹⁹Devo esta informação técnica à minha sobrinha, Vanessa Aparecida Feijó de Souza, estudante de veterinária na Unesp de Botucatu, que obteve a informação de um futuro ornitólogo.

²⁰Op.Cit., pág. 301.

Referências Bibliográficas

- BANKS-LEITE, Luci & GALVÃO, Izabel (orgs.). *A educação de um selvagem. As experiências pedagógicas de Jean Itard*. São Paulo: Cortez, 2000.
- CONDILLAC, Étienne Bonnot de. *Ensayo sobre el origen de los conocimientos humanos*. Tradução de Emeterio Mazorriaga. Madri: Editorial Tecnos, 1999.
- DORTIER, Jean-François. "L'enfant sauvage, objet de science". *La Recherche*, nº 400, setembro de 2006, especial 400 anos da ciência.
- GANASCIA, Jean-Gabriel. *As ciências cognitivas*. Tradução de Alexandre Emílio. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- GARDNER, Howard. *A nova ciência da mente. Uma história da revolução cognitiva*. Tradução de Cláudia Malbergier Caon. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- GINESTRE, Thierry. *Victor de l'Aveyron, dernier enfant sauvage, premier enfant fou*. Paris: Hachette, 1993.
- GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KANT, Immanuel. *Sobre a pedagogia*. Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba, SP: Editora UNIMEP, 2006.
- PIAGET, Jean. *The Psychology of Intelligence*. Translated by Malcolm Piercy and D.E. Berlyne. London; New York: Routledge, 2001.
- PRIVATEER, Paul Michael. *Inventing intelligence. A social history of smart. Victoria, Australia: Blackwell Pub., 2006*.
- Revista *Scientific American Brasil*. "Como nos tornamos humanos. A evolução da inteligência". Duetto Editorial, Nº 17, novembro de 2006.
- ROSE, Steven. *O cérebro do século XXI. Como entender, manipular e desenvolver a mente*. Tradução de Helena Londres. São Paulo: Globo, 2006.
- SCHWANITZ, Dietrich. *Cultura geral. Tudo o que se deve saber*. Tradução de Beatriz Silke Rose; Eurides Avance de Souza; Inês Antonia Lohbauer. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- SHATTUCK, Roger. *The forbidden experiment. The story of the Wild Boy of Aveyron*. New York: Kodansha International, 1994.

Martin Cezar Feijó

Professor de Comunicação Comparada na FACOM-FAAP. Doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP) e formado em História (FFLCH-USP). Coordenador de Pesquisa na FACOM-FAAP e professor-pesquisador da pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura no Mackenzie. Autor de vários livros, entre eles, O revolucionário cordial (Boitempo/FAPESP, 2001).